

Uma livraria-sebo especializada em castelhano, com Miguel Gómez, da Calle Corrientes

Quando abriu a Calle Corrientes Livros no final dos anos 1990, Miguel Angel Gómez apostou em algo raro para Porto Alegre: uma livraria especializada em livros em castelhano. Quase trinta anos depois, o espaço continua reunindo leitores interessados na literatura hispano-americana, na cultura gauchesca e nas conexões culturais entre o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina.

A ideia surgiu após um período de desemprego. Um amigo livreiro argentino sugeriu que ele abrisse uma livraria e ajudou a fornecer os primeiros exemplares. Miguel acreditava que a proximidade geográfica e cultural com os países vizinhos poderia formar um público interessado nesse tipo de acervo. “Eu pensei que em Porto Alegre



Miguel Angel sugere leituras para clientes que estão aprendendo o espanhol

não existia uma livraria em castelhano. O gaúcho tem essa proximidade com o Uruguai e com a Ar-

gentina, além da cultura gauchesca compartilhada”, lembra.

Ao longo dos anos, a livraria

construiu uma clientela própria. Professores, estudantes de espanhol, pesquisadores e leitores em busca de literatura latino-americana passaram a frequentar o espaço. Entre os temas mais procurados estão autores como Jorge Luis Borges e Julio Cortázar, além de obras sobre cultura guarani, Missões Jesuítas, Guerra do Paraguai e tradição gauchesca.

Além da livraria e sebo, os eventos literários desempenham papel fundamental na sobrevivência do negócio. Miguel participa há décadas da Feira do Livro de Porto Alegre e considera o evento seu principal período de vendas. Também mantém presença na Feira do Livro de Santa Maria, cidade que reúne estudantes, trabalhadores e pesquisadores de diferentes áreas.

“A feira coloca o livro na rua. Passa todo tipo de gente”, resume.

Uma parte importante do seu trabalho também é apresentar novos leitores à literatura em espanhol. Quando alguém chega à livraria querendo começar a ler em castelhano, Miguel costuma sugerir um caminho gradual. “Eu sempre indico começar pelos contos. Se a pessoa começa por um romance e encontra dificuldade, pode acabar desistindo”, explica.

Como acontece com muitos livreiros, parte do cotidiano também é formado por pequenas histórias. Miguel conta que há um frequentador da Feira do Livro de Porto Alegre que, todos os anos, passa em sua banca para repetir a mesma frase: “Lembra daquele livro que comprei contigo? Ainda não li”.

Vestígios que viajam no tempo

Nos sebos, leitores encontram obras afetivas ou raras, constroem bibliotecas e, muitas vezes, cruzam com vestígios deixados por desconhecidos: dedicatórias, fotografias, anotações e objetos esquecidos entre as páginas. Para o professor e escritor Luís Augusto Fischer, esses espaços carregam uma experiência que vai além do livro em si. “Os sebos são livrarias, coleções vivas de livros, que implicam a presença física de leitores indo até lá, especulando, indagando, se surpreendendo com as descobertas”, afirma. Ao mesmo tempo, observa que a revolução digital transformou profundamente a relação das pessoas com a leitura. Se antes era preciso comprar um livro ou encontrá-lo em uma biblioteca, hoje grande parte dos textos circula em formato digital. “Os sebos padecem do mesmo destino das livrarias em geral: ficar como uma possibilidade, não como uma necessidade imediata”, diz. Talvez seja justamente por isso que os sebos preservem algo difícil de reproduzir em uma tela. Entre seus corredores, livros continuam funcionando como cápsulas de memória. As histórias a seguir mostram como um livro usado pode guardar muito mais do que o texto impresso em suas páginas.

“Uma história que sempre me marcou aconteceu por volta de 2004. Uma amiga estava no Beco dos Livros, na Rua Riachuelo, quando me ligou dizendo que estava com um livro meu nas mãos. Fiquei sem entender, até que ela explicou que havia encontrado, em um sebo, um exemplar de *Borboleta*, de James M. Cain, com meu nome escrito à mão na contracapa: “Marcelo Cunha, 1984”. Provavelmente eu tinha emprestado aquele livro e nunca mais o recebi de volta. Imagino que ele tenha passado por outras pessoas até parar em um sebo. Vinte anos depois, caiu justamente nas mãos de uma amiga querida. Ela comprou o exemplar e quis me devolver, mas pedi que ficasse com ele. Achei bonito pensar que aquele livro tinha viajado pelo tempo e, de certa forma, voltado para mim. Outra história parecida aconteceu quando um amigo me enviou a foto de uma edição antiga de *O Príncipe e o Mendigo*. Eu havia recebido aquele livro como prêmio em um concurso de redação na escola. Ao abrir o exemplar, ele encontrou a dedicatória da escola com meu nome. Era exatamente o meu livro, que em algum momento eu tinha passado adiante. Mais uma vez, um livro reaparecia anos depois, carregando consigo um pedaço da minha própria história”

Marcelo Cunha, professor

“Certa vez, eu estava me preparando para uma oficina com o escritor Marcelino Freire, de quem já fui aluna, sou leitora e com quem mantenho uma relação de amizade no campo literário. Como eu queria aproveitar a oportunidade para autografar alguns livros, resolvi procurar em sebos de Porto Alegre títulos dele que ainda não tinha. Saí correndo pela Rua da Praia, entrando em sebo após sebo, até encontrar dois livros. Um deles era *Nossos Ossos*. O preço era o normal de um sebo, mas, quando abri o exemplar, descobri que ele já estava autografado. Achei aquilo muito estranho e curioso: alguém tinha deixado em um sebo um livro autografado pelo próprio autor. Levei o exemplar para a oficina e, quando mostrei o livro ao Marcelino, ele deu risada e disse: “Amiga, esse livro era para ser seu”. Acabamos tirando uma foto para registrar o momento. O autógrafo era dedicado a uma tal Patrícia, e brincamos que ela não sabia o que tinha perdido. Foi um daqueles encontros improváveis que só os sebos conseguem proporcionar.”

Sabrina Dalbello, poeta



Espaços como a Calle Corrientes seguem como nicho importante, resistindo às vendas online

“Frequentei muitos sebos em Porto Alegre. Comprava bastante no Beco dos Livros, na Rua Riachuelo, e também era cliente da Livraria Aurora. Quando tinha 17 anos, muitas vezes faltava ao cursinho pré-vestibular, do qual não gostava, para passar as tardes nos sebos do Centro. Como eu já trabalhava com pesquisa teatral, adquiri muitos livros sobre teatro nesses lugares e também comecei a colecionar programas de espetáculos. Cheguei a ser tema de uma reportagem da Zero Hora por causa dessa coleção. Um dos itens que encontrei no Beco dos Livros foi o programa da peça *Emily*, sobre a vida de Emily Dickinson, dirigida por Miguel Falabella e estrelada por Beatriz Segall em 1984. Mais tarde, no mestrado e no doutorado, estudei o Teatro Besteirol, movimento do qual Miguel foi um dos principais expoentes, e acabei me aproximando dele por conta da pesquisa que desenvolvi na USP. Também descobri um excelente sebo em Passo Fundo durante a Jornada Nacional de Literatura de 1999. Gostei tanto que, durante um período, chegava a viajar até a cidade apenas para comprar livros. Foi lá que encontrei a edição do *Teatro Completo* de Qorpo Santo, organizada por Guilhermino César, obra que dialogava diretamente com a pesquisa de iniciação científica que eu realizava na Ufrgs.”

Luís Francisco Wasilewski, pesquisador teatral

“Uma das coisas mais fascinantes para quem compra livros em sebos é encontrar bibliotecas inteiras, muitas desses acervos completos que os herdeiros vendem da pessoa já falecida, porque essas bibliotecas revelam em seu conjunto o gosto e as preferências do antigo dono da biblioteca, como ele lia, como formava o seu acervo. Então é curioso encontrar essas caixas empilhadas em alguns sebos. Encontrar essas relíquias só é possível quando se tem uma amizade mais próxima com o livreiro.”

Edgar Aristimunho, escritor



Rafael Gloria é jornalista, mestre em Comunicação (Ufrgs) e editor do site Nonada Jornalismo.